



Prazer
&
Cia



GERUZA
CONTI



Foto de César Inácio

'Se existe uma preocupação cultural, o bar é bom'

Atriz e radialista, Geruza Conti, 37 anos, conhece a noite inclusive pela agenda de seu intenso trabalho, que inclui desde produções de tevê a ensaios e festas infantis, estas últimas com o conhecido teatrinho Plim-Plim. "Atualmente eu curto menos a noite por uma razão muito simples", diz: "Os bares de Vitória estão muito chatos". Na maioria das vezes em que vai a um bar, Geruza está acompanhando o marido, o músico argentino Fernando Rueda, que costuma apresentar-se nas casas locais.

Nem por isso, imagine, ela curte **karokê**. "Se você dá a sorte de encontrar uma Elaine Rowena cantando, é ótimo, mas com essas pessoas que têm pintado, não dá", critica. Ela acha excelente a idéia de os bares, cada vez mais, incluírem a música ao vivo em seu cardápio, e vai mais além, sugerindo que "já é hora de investir também em outras performances por aqui". Geruza diz isto, principalmente, baseada na experiência que foi a apresentação da peça **Duas Mulheres na Madrugada**, de Vera Viana, no bar Performance, em Guarapari. Ela faz parte do elenco.

"Foi um barato, porque Guarapari é um lugar turístico e muitas pessoas de fora assistiram, analisaram e fizeram seus comentários, dando toques que foram muito úteis pra gente". O mesmo espetáculo foi apresentado no Clube da Orla, em Coqueiral de Aracruz, mas lá o pique foi outro: "As pessoas comiam, bebiam e não prestavam atenção", conta ela, que, no Performance, contou com o bom-senso do proprietário para interromper todos os pedidos 30 minutos antes de a peça começar. "Foi o povo da cozinha, os garçons, todo mundo assistiu numa boa".

Para ela, bares como o Terra Viva dão certo por demonstrarem "uma preocupação cultural", que a atriz acredita ser a melhor pedida para as casas do ramo. Além de curtir a música e as outras manifestações artísticas em bares e/ou restaurantes, Geruza gosta do clima habitual desses lugares — mas apresenta uma diferença crassa com relação aos outros personagens noturnos: raramente bebe. "Um vinho, de vez em quando, faz bem, mas não sou e nem nunca fui chegada a uma bebida. Não é minha referência".

O que ela procura, então, ao sair? "Depende do astral. Às vezes, é para ouvir música — gosto muito de uma bossanova bem tocada e cantada; outras, é para curtir mesmo. Ai eu vou é para os botequins, comer lingüiça frita, como todo mundo". Ela conta que, por muitas vezes,

já foi a um bar para ficar tomando Coca-Cola. E sai tanto com o marido quanto sozinha, sem nenhuma restrição.

— Não tenho grilo nenhum disso. Com meu primeiro marido, era a mesma coisa: saía com ou sem ele. Medo de ser mulher e sair à noite, nunca tive; não é nisso que Vitória me incomoda. Outro dia, quando apresentamos a peça, depois um cara sentou na mesa comigo, começou a conversar sobre o trabalho e, de repente, descobri que ele segurava minha mão meio esperançoso. Foi simples, eu só falei com ele que não estava a fim de curtir aquilo. Era algo que eu poderia aceitar ou não, pois de repente isso pode até fazer parte... Mas não tinha nada a ver comigo.

Do primeiro casamento, com o músico e professor da Ufes Arlindo Castro, Geruza tem três filhos: Juliana, de 13 anos, Aline, de 12, e Adriano de 9. A mais velha já começa a ir aos barezinhos, chega à meia-noite e, por vezes, reivindica vôos maiores. "Minha preocupação é no sentido de esclarecer, pois as coisas estão aí, e eu só quero que elas criem resistência e tenham cabeça para se jogar. No mais, quero ensinar meu filho a respeitar as mulheres, assim como quero que os homens respeitem minhas filhas. Sem problemas".

Filha de uma família protestante, ela, aos 15 anos, resolveu que não queria mais ser crente e nem aceitar os padrões reservados para sua conduta. Colocou o pé na estrada, viajou, saiu, curtiu mil e uma, foi **semi-hippie** e tirou seu ensinamento. "Graças a Deus não aconteceu nada, porque era época de paz-e-amor", brinca. Por isso, considera saudável o movimento da rapeize em torno dos barezinhos do tipo Dose Dupla. "A juventude tem que ter um ponto de encontro, fazer suas transas e tudo o mais. Hoje é que eu não curto, mas já fui muito e acho necessário".

Restaurante? Geruza é mais simples: prefere o aconchego sem rebuscamentos do Exporão, no Centro, e da Tratoria Toscana do Parque Moscoso. Botequim de beira de estrada? "Acho fantástico, porque gosto de conhecer pessoas diferentes, sempre". E bar guei? "Acho ótimo, inclusive recomendo o Aliás, que tem uns finais de noite divertidíssimos. Essas coisas são essenciais", observa.

Boate, ela diz gostar "de vez em quando — mas com espaço suficiente pra dançar à vontade, e não pra ficar me espremeando entre um monte de gente cheia de cigarros" (ela quase não fuma). No mais, onde houver uma farra amiga, e desde que não esteja trabalhando, Geruza estará presente. Esbanjando vitalidade, diga-se de passagem.

7/79

TE DOO
Geruza Conti